

# Pragmática e cognição: a codificação gramatical da expectativa

*Pragmatics and cognition: the grammatical coding of expectation*

Clara Sousa

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

[css.clarasousa@gmail.com](mailto:css.clarasousa@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-8008-2661>

Diogo Pinheiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

[diogopinheiro@letras.ufrj.br](mailto:diogopinheiro@letras.ufrj.br)

<https://orcid.org/0000-0003-2403-5040>

## RESUMO

Sistematicamente, os falantes marcam, na gramática, cálculos acerca de quais acreditam ser as expectativas dos ouvintes em relação ao mundo. Neste artigo, fazemos uma análise desse fenômeno, primeiramente, da perspectiva da estrutura informacional. Defendemos que a evocação do cálculo de expectativa acontece via pressuposição. Assim, defendemos que deve haver, para além das pressuposições de topicalidade, consciência e conhecimento, uma pressuposição de expectativa, não prevista na tipologia de Lambrecht (1994). Para explorar a diferença entre conhecimento e expectativa, fazemos também uma análise de modelos cognitivos idealizados da Gramática Cognitiva de Langacker (1991), demonstrando que se trata de fenômenos cognitivamente distintos.

**Palavras-chave:** expectativa; contraexpectativa; pragmática; cognição; pressuposição.

## ABSTRACT

Systematically, speakers mark, grammatically, calculations about what they believe to be the expectations of the listeners regarding the world. In this article, we analyze this phenomenon, first from the perspective of informational structure. We argue that the evocation of the expectation calculation occurs through presupposition. Thus, we argue that, beyond the presuppositions of topicality, awareness, and knowledge, there should be a presupposition of expectation, which is not in Lambrecht's typology (1994). To explore the difference between knowledge and expectation, we also conduct an analysis of

idealized cognitive models from Langacker's Cognitive Grammar (1991), demonstrating that these are cognitively distinct phenomena.

**Keywords:** expectation; counter-expectation; pragmatics; cognition; presupposition.

## INTRODUÇÃO

Um tópico relevante nos estudos da mente humana é o fenômeno da subjetividade. O que se observa é que os seres humanos são conceptualizadores do mundo: a realidade dos fatos perpassa a experiência de cada indivíduo de maneira particular. Além disso, devido a uma habilidade referida por Teoria da Mente (Astington; Baird, 2005), nós somos capazes de reconhecer nossos pares como agentes mentais particulares, dotados, por exemplo, de intencionalidade, de desejos e de conhecimentos particulares e específicos; algo crucial para que se estabeleçam interações entre os sujeitos. O que a Linguística tem flagrado consistentemente ao longo dos anos é que a subjetividade — e também mais especificamente a intersubjetividade — apresenta manifestações nas línguas humanas, sendo importante objeto de investigação (Verhagen, 2005; Tomasello, 1999; Tantucci, 2021).

Dentro desse campo, o *conhecimento* se destaca como uma propriedade importante da subjetividade que se configura como um tema inerente ao estudo da linguagem do ponto de vista conceptual (Lambrecht, 1994; Langacker, 1991). A Estrutura Informacional busca investigar como as informações — elementos diretamente relacionados ao estado dos conhecimentos de um indivíduo, segundo Lambrecht (1994, p. 44) — se organizam pragmática e sintaticamente nos enunciados. Da relação entre os elementos linguísticos, emergem as proposições, cuja soma constitui o conhecimento de um sujeito, na medida em que compõem aquilo que se refere por “informação”.

As proposições, por sua vez, podem configurar informações novas ou velhas. Em outras palavras, há dois tipos de proposições: as asserções, que são aquelas informações que um falante quer que seu ouvinte tenha como resultado de ouvir seu enunciado; e as pressuposições, que são o conjunto de informações lexicogramaticalmente evocadas em uma sentença as quais o enunciador assume que o interlocutor já tem no momento em que ela é proferida.

Lambrecht aponta que elas podem se subdividir em três categorias: de conhecimento, de topicalidade e de consciência. O autor identifica que um sujeito pode assumir que seu interlocutor detém determinado conhecimento de alguma informação do mundo; que ele sabe, na interação em que está inserido, quais elementos são tópicos do discurso e quais não são; e que ele possui certas informações mais ou menos ativadas na sua consciência ao longo da interação. Tudo isso pode ser evocado via gatilhos de pressuposição.

Observamos que, embora muito relevante para os estudos da informação, essa distinção parece não dar conta de descrever apropriadamente um conjunto de construções<sup>1</sup> idiomáticas identificadas no português brasileiro. Observe-se abaixo:

- (1) Meu nariz **bem** sangrou hoje.
- (2) **Pior que** a minha mãe me colocou de castigo.
- (3) **Não é que** João passou na prova?

Destacadas, estão algumas construções gramaticais — a Construção de Contraexpectativa com Bem (CCB) (Sousa, 2021; Portela, 2021; Portela, 2023), a construção “Pior que X” e a construção “(E) Não é que X?” — que possuem uma semântica comum. Em Sousa (2021), a CCB foi apontada como uma construção que marca o cálculo do falante de que a proposição que irá enunciar pode quebrar a expectativa do ouvinte. Em (1), portanto, o que se evoca por meio da Construção de Contraexpectativa com Bem é que o interlocutor não esperava ouvir que o nariz do enunciador tinha sangrado. Similarmente, os falantes de (2-3) parecem evocar, em (2), que o ouvinte não esperava que ele tivesse ficado de castigo; e, em (3), que o interlocutor não esperava que João tivesse passado na prova.

Essas proposições são evocadas por meio das construções: os locutores não transmitem essas informações explicitamente, via asserção; eles *partem do princípio* de que seus pares possuíam determinadas expectativas, marcando isso linguisticamente, possivelmente para prepará-los para a quebra de expectativa que calculam estar por vir. Trata-se, portanto, flagrantemente, de pressuposições. Aqui, no entanto, não se assume,

---

<sup>1</sup> Usamos o termo “construção” inserindo-nos no modelo teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006), que assume que a totalidade do conhecimento linguístico do falante é composta por uma rede de construções (pareamentos de forma e significado).

evidentemente, que o ouvinte reconheça um elemento do discurso como tópico ou que ele esteja com alguma informação ativa na mente. Não se assume, também, exatamente, que o ouvinte detenha algum tipo de conhecimento, isto é, de *ciência de um determinado fato*. Na verdade, o que o falante faz é um cálculo acerca do estado mental do ouvinte no que concerne aquilo que ele *espera* que tenha acontecido. Estamos nos referindo, pois, a um tipo de pressuposição não precisamente de conhecimento, mas de *expectativa*.

A ideia de que o falante marca gramaticalmente, via pressuposição, cálculos acerca das expectativas do seu ouvinte não carece de precedentes. Em Sousa (2021) a associação dessa função pragmática à CCB é consistentemente detalhada a partir de uma análise qualitativa de usos linguísticos reais enquanto em Portela (2021) apresenta-se um experimento que comprova esse vínculo. Para além disso, em Portela (2023), aponta-se para uma possível diferença de processamento, por sujeitos autistas, entre frases que evocam pressuposições reconhecidamente de conhecimento (como aquelas que contém gatilhos do tipo verbos de mudança de estado) e frases com a CCB, em que se assume uma determinada expectativa do ouvinte. Infere-se, portanto, que a marcação gramatical do cálculo de expectativa, via pressuposição, parece ser um fenômeno linguístico particular que tem recebido atenção na literatura e que pode trazer contribuições a respeito do funcionamento da cognição humana típica e atípica.

Apesar desse reconhecimento, é necessário pontuar que tais trabalhos se utilizam da ideia de expectativa de forma pré-teórica, não oferecendo um tratamento sistemático para esse fenômeno e sua evocação gramatical. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é elaborar tecnicamente o conceito de expectativa e descrever o fenômeno da evocação gramatical do cálculo de expectativa via pressuposição, dentro do quadro da Gramática Cognitiva (Langacker, 1991). Especificamente, demonstraremos como a expectativa pode ser entendida como um tipo de conhecimento que se insere no modelo epistêmico utilizado por Langacker para estruturar a conceptualização dos eventos pelos sujeitos humanos nas línguas. Pretendemos, com isso, primeiramente, contribuir para a tipologia de Lambrecht (1994), adicionando a ela um novo tipo de pressuposição, que dá conta de descrever uma maior quantidade de dados linguísticos: uma pressuposição relativa às expectativas que o falante assume que o ouvinte tem. Mais do que isso, temos a intenção de investigar a manifestação linguística de uma habilidade cognitiva e intersubjetiva

complexa que seres humanos, pelo menos, neurotípicos, têm: a de fazer *cálculos a respeito dos cálculos* que seus ouvintes realizam acerca do mundo.

Este artigo está organizado como segue: primeiramente apresentaremos os conceitos de proposição, asserção e pressuposição, estabelecendo a relação entre a estrutura informacional dos enunciados e a evocação gramatical do cálculo de expectativa. Saindo do domínio pragmático, exploraremos alguns modelos cognitivos idealizados da Gramática Cognitiva que nos auxiliarão a identificar como funciona o fenômeno, na cognição humana, da criação de expectativas. Por fim, faremos a ponte entre as duas análises, concluindo o artigo.

## **A ESTRUTURA INFORMACIONAL DA PRESSUPOSIÇÃO E A MARCAÇÃO DO CÁLCULO DE EXPECTATIVA**

Em *Information Structure and Sentence Form*, Lambrecht (1994) explora o conceito de proposição. De acordo com o autor, quando um falante fornece informações a alguém, ele adiciona uma representação mental ao repertório de representações do ouvinte. Nessa perspectiva, as proposições são representações mentais específicas que surgem da relação entre elementos linguísticos. Por exemplo, na frase "Maria encontrou o livro que havia perdido", várias proposições estão envolvidas, como (i) existe um livro, (ii) o livro foi perdido por Maria e (iii) Maria encontrou o livro. Esses fatos podem ser representados como proposições porque surgem da relação entre os elementos da sentença.

Um aspecto crucial na análise do autor é a distinção entre dois tipos de proposições: pressuposições (informações velhas) e asserções (informações novas). Asserções são as informações que o falante deseja que o ouvinte tenha como resultado do que foi dito. Na sentença acima, a informação que se pretende transmitir é que o livro em questão foi encontrado por Maria. Portanto, a proposição (iii) deve ser considerada uma asserção, ou seja, uma informação nova.

Pressuposições, por outro lado, são informações que o falante assume que o ouvinte já conhece antes da produção do enunciado. Na sentença acima, o falante parte do pressuposto de que o ouvinte já sabe da existência de um livro e que o livro foi perdido por Maria. Portanto, as proposições (i) e (ii) são consideradas pressuposições. A respeito

delas, é importante destacar que são sempre desencadeadas por algum elemento linguístico que indica o status pressuposicional de uma informação. No caso da proposição (i), o artigo definido desempenha essa função, evocando o conhecimento pré-existente da existência do livro. Da mesma forma, na proposição (ii), a estrutura de oração relativa também revela o pré-conhecimento de que o livro foi perdido.

Diretamente relevante para este estudo, há na obra uma tipologia que consiste na distinção entre três tipos de pressuposição: as de conhecimento, de consciência e de topicalidade. Um exemplo de pressuposição de conhecimento é a proposição (ii) mencionada anteriormente, na qual o falante parte do pressuposto de que o ouvinte *sabia* que Maria havia perdido o livro. Em outras palavras, o enunciador parte do princípio de que seu interlocutor tinha essa informação dentro do seu repositório de representações mentais.

Existem situações em que o locutor assume não apenas conhecimento, mas também um estado de consciência específico em seu interlocutor — trata-se, nesse caso, da pressuposição de consciência. Por exemplo, o uso de um pronome como "ela" em uma sentença como "ela encontrou o livro" pressupõe que haja a possibilidade de retomar um referente mencionado anteriormente (como "Maria"), do qual o ouvinte ainda deve estar consciente (ou seja, não se trata apenas de conhecer Maria, mas de ter essa referência ativa na memória naquele momento da interação).

Um falante pode ainda assumir a topicalidade, ou relevância, de um referente no discurso. Por exemplo, em (4), o falante B assume que seu ouvinte sabe que o pronome "ela" é o tópico, pois é o elemento fornecido pelo falante A no discurso sobre o qual B faz uma declaração. Por outro lado, no exemplo (5), isso não ocorre, uma vez que o elemento sobre o qual a declaração é feita é "livro", não o pronome "ela".

- (4) A: O que ela fez?  
B: Ela encontrou o livro.
- (5) A: O que aconteceu com o livro?  
B: O livro, ela encontrou.

As sentenças apresentadas acima exemplificam bem os tipos de pressuposição propostos por Lambrecht. Como categorizar, no entanto, o tipo de informação pressuposta

por um padrão como a Construção de Contraexpectativa com Bem (Sousa, 2021; Portela, 2021; Portela, 2023), destacada nas frases abaixo?

(6) Eu tinha uma sandália dessas, mas ela **bem** arrebentou.

(7) Meu nariz **bem** sangrou hoje.

(8) Tá tendo **bem** um festival de cerveja lá na vila.

Conforme Sousa (2021), as sentenças acima não veiculam apenas as informações de que a sandália arrebentou, de que o nariz do falante sangrou e de que havia um festival de cerveja. Embora essas proposições emergjam da relação dos demais elementos de cada enunciado, há uma outra informação sendo transmitida via CCB: a de que esses fatos são, em alguma medida, surpreendentes. Tecnicamente, a construção engatilha a evocação de pressuposições exatamente contrárias às asserções que veiculam. Em (6), ela evoca a pressuposição de (ou marca o cálculo do falante de que seu interlocutor não espera ouvir) que a sandália não arrebentaria (afinal, trata-se de um evento infortuno); em (7), a de que o nariz não sangraria (já que consiste em algo raro e, do ponto de vista da saúde, problemático); e, em (8), a de que não haveria um festival de cerveja na vila (um evento que provavelmente não é frequente). Ao evocar essas proposições e contradizê-las nas asserções em (6-8), os falantes provocam o efeito de contraexpectativa. Em cada enunciado, o *real* objetivo comunicativo do falante é dizer algo do tipo “eu sei que você não esperava ouvir isso, mas isso de fato aconteceu”.

Ao marcar lexicogramaticalmente um cálculo do falante a respeito do estado mental do seu ouvinte, a Construção de Contraexpectativa com Bem efetivamente configura um gatilho de pressuposição. Evidentemente, não estamos diante da evocação de uma pressuposição de consciência ou de topicalidade, afinal, não se trata aqui da possibilidade de retomar um antecedente ou de reconhecer qual o elemento sobre o qual se faz uma declaração. Seria possível, contudo, dizer que estamos diante de uma pressuposição de conhecimento. De fato, de acordo com a análise que fizemos dos dados acima, não seria errado dizer que os interlocutores de (6), (7) e (8) não tinham conhecimento dos fatos veiculados via asserção por essas sentenças. Deve tratar-se de fato de informações novas para eles.

No entanto, mesmo que seja indiscutível que os falantes de (6-8) tenham calculado que seus ouvintes não sabiam da ocorrência desses fatos, isso não é suficiente para dizer que esse desconhecimento seja evocado lexicogramaticalmente via pressuposição por qualquer elemento das sentenças, quiçá pela CCB. O tempo todo, nas interações com os sujeitos, fazemos cálculos acerca do que sabem ou não sabem; mas são apenas aqueles cálculos que são marcados gramaticalmente por alguma construção que Lambrecht categoriza como pressuposições.

A CCB faz isso? Ela marca o cálculo do falante de que o ouvinte não *sabia* da informação veiculada no enunciado? Conforme argumentamos, esse não é exatamente o valor evocado pela construção. Ela não marca o desconhecimento acerca de um fato, mas sim, precisamente, a expectativa de que ele não aconteceria (ou a não-expectativa de que ele aconteceria). Se a Construção de Contraexpectativa com Bem fosse usada para marcar o cálculo de um conhecimento do ouvinte, ela poderia ser usada para veicular informações que são esperadas. Imagine que o diálogo abaixo aconteceu em um contexto em que o fato de que a cor da bandeira do país de B é verde seja algo absolutamente comum, banal, normal (como de fato é na nossa realidade):

- (9) A: Qual a cor da bandeira do seu país?  
B: # Ela bem é verde.

É flagrante a baixa aceitabilidade da sentença proferida por B nesse contexto. Na verdade, a presença da CCB implica, necessariamente, que haja algo de errado ou surpreendente com o fato de a bandeira ser verde: seja por se tratar de uma cor que tenha adquirido alguma conotação negativa, seja por uma situação em que, por exemplo, os interactantes tivessem acabado de dizer que não se recordam de nenhuma bandeira de nenhum país que seja dessa coloração. Ao produzir o enunciado em (9), o falante B usa a construção para informar algo do tipo “eu sei que você não esperaria ouvir que a bandeira do meu próprio país é verde, considerando que eu acabei de dizer que não recordo de nenhuma bandeira dessa cor, mas de fato essa é a realidade”.

O interactante A ter produzido tal pergunta significa que ele não sabe a resposta para ela. O fato de que a bandeira do país de B é verde é, portanto, desconhecido por A. Ainda assim, esse não é o contexto necessário para que o enunciado em (9B) seja



pragmaticamente bem-sucedido: deve haver um cenário a mais que justifique a presença da construção, especificamente um de contraexpectativa. Ou seja: a Construção de Contraexpectativa com Bem deve marcar o cálculo de que uma informação não é *esperada* pelo ouvinte; não apenas de que ela não é sabida.

Como evidência de que o valor de contraexpectativa é necessário e suficiente para a boa utilização da CCB, considere a frase abaixo:

(10) Eu bem respiro.

Essa frase soa absolutamente estranha: em nenhum contexto ela parece ser aceitável. Afinal, estamos diante da designação de um fato plenamente normal: seres humanos respiram e não há nada de surpreendente nisso. Contudo, imagine o seguinte contexto: há um planeta em que os extraterrestres que lá vivem não respiram; eles obtêm oxigênio de outra maneira. No entanto, um extraterrestre em particular, por mutação genética, apresentou essa capacidade, sendo o único da espécie a possuí-la. A partir disso, ele resolve contar esse “segredo” a um amigo, produzindo o enunciado em (10). A sentença, nesse cenário, torna-se perfeitamente aceitável. Apenas e somente a presença do valor de contraexpectativa provoca isso.

A CCB já foi sistematicamente descrita como uma construção gramatical associada à marcação, via pressuposição, do cálculo de contraexpectativa. Essa função, no entanto, é mais do que um papel desempenhado por um padrão gramatical específico; parecemos estar diante de uma habilidade intersubjetiva que se mostra relevante na comunicação linguística consistentemente. Observe os enunciados abaixo:

(11) **Pior que** meu carro quebrou no meio da estrada.

(12) **Pior que** tá dando chuva pro fim de semana.

(13) **E não é que** o Flamengo ganhou o campeonato?

(14) **E não é que** o sol apareceu?

Analisemos intuitivamente essas sentenças. Apesar dessa diferença entre os dois grupos, o que há em comum entre os eventos designados é que eles parecem ser construídos, pelo falante, como algo que foge do esperado. Esse enquadramento parece

ser feito pelas construções “Pior que X” e “(E) não é que X?”, o que se evidencia abaixo, em que a conotação de contraexpectativa não é saliente.

(15) Meu carro quebrou no meio da estrada.

(16) Tá dando chuva pro fim de semana.

(17) O Flamengo ganhou o campeonato.

(18) O sol apareceu.

O que essas construções fazem é muito semelhante à função da CCB: os falantes em (11-14) as utilizam para marcar linguisticamente que calculam que seus ouvintes não esperavam que (i) o carro fosse quebrar no meio da estrada, já que se trata de um local com pouco acesso a vias de resolução do problema; (ii) chovesse no fim de semana, uma vez que socialmente esse é um período em que as pessoas geralmente preferem que faça sol; (iii) o time não ganhasse o campeonato, provavelmente, devido a uma trajetória de perdas recentes; e (iv) não fizesse sol, possivelmente, por ter estado nublado durante um longo período de tempo. Ao mesmo tempo, os falantes evocam essas pressuposições e veiculam, via asserção, a proposição respectivamente contrária. Assim é construído o efeito de contraexpectativa.

Como adequar essa descrição à tipologia das pressuposições de Lambrecht, no caso de cada construção? Ora, como nos dados da CCB, é evidente que não estamos diante de evocações de pressuposições de topicalidade ou de consciência, já que também não estamos, em nenhum caso, diante da capacidade de retomar um elemento anterior ou de identificar o objeto de uma declaração. Mas tomemos o padrão “Pior que X”: seria possível dizer que ele evoca uma pressuposição de conhecimento? Para responder essa pergunta, podemos realizar com ele o mesmo teste feito com a CCB em (9):

(19) A: Qual a cor da bandeira do seu país?

B: # Pior que ela é verde.

O que se observa é que o uso da construção nessa interação apenas é bem sucedido caso haja algum problema com o fato de a bandeira ser verde, como aquelas mesmas situações hipotetizadas anteriormente. Caso esse seja um fato absolutamente dentro das

expectativas dos interactantes, a frase é pouco aceitável. Considerando que A pergunta a B qual cor da bandeira do seu país, podemos concluir que a resposta de B não é *sabida* por A. Apesar disso, no contexto em que o fato de a bandeira ser verde é considerado esperado, a construção não pode ser usada. Ou seja: ela não parece estar sendo utilizada para marcar o cálculo de B de que A não tinha *conhecimento* do fato; na verdade, ela marca necessariamente a evocação do pressuposto de que B não tinha a *expectativa* de que a bandeira fosse verde.

Observe agora a seguinte situação comunicativa:

(20) A: E o Flamengo ganhou o campeonato.

B: E não é que ganhou?

Na interação acima, o uso da construção “(E) não é que X?” é bastante aceitável. O interactante B parece, por meio dela, salientar um sentimento de surpresa compartilhado entre os pares acerca do fato de que o time ganhou o campeonato. De certa forma, ele torna explícita essa sensação coletiva, ao mesmo tempo convidando A a concordar com ele e iniciando uma discussão sobre o tema. O que isso significa é que B parte do princípio de que A também considerou inesperado o fato de que o Flamengo havia sido campeão. Note-se: comunicar que A tinha essa interpretação não é o que B quer produzir como *resultado* de se ouvir o seu enunciado; não se trata de um conteúdo veiculado via asserção, pois. Na verdade, B assume *a priori* essa perspectiva de A, produzindo um enunciado que tem como função comunicativa introduzir o assunto da vitória inesperada do time. Estamos então diante de uma construção que evoca a contraexpectativa de maneira implícita, via pressuposição.

Interessante a respeito de (20) é notar que, ao contrário do cenário proposto em (19) e (9), o sujeito A já tem conhecimento do fato denotado por B. No primeiro enunciado, A insere essa informação na interação e B replica salientando que se trata de uma situação inesperada. Se concordamos que a construção “(E) não é que X?” evoca um pressuposto; e concordamos que B sabe que A tem conhecimento de que o Flamengo ganhou o campeonato (afinal, A tornou isso explícito momentos antes de B produzir seu enunciado), não podemos de maneira alguma dizer que esse padrão gramatical evoca cálculo do falante de que o ouvinte não *sabia* do fato designado. Seria incoerente, então,

dizer que estamos diante da evocação de uma pressuposição de conhecimento. É necessário, para dar conta de descrever adequadamente a estrutura informacional em jogo no enunciado de B, lançarmos mão da existência de uma pressuposição de expectativa: B evoca, por meio da construção “(E) não é que X?” o cálculo de que A não esperava que o fato designado no enunciado de B tivesse acontecido.

A noção de expectativa e a noção de conhecimento são distintas, apesar de relacionadas. De fato, podemos dizer que construímos expectativas sobre o mundo a partir do nosso repertório de conhecimentos sobre ele. No entanto, do ponto de vista linguístico, sobretudo no campo da evocação de pressuposições, o que podemos observar é que essas ideias constituem categorias semânticas distintas. Isso inviabiliza a interpretação do uso de determinadas construções gramaticais, como demonstramos acima. Lambrecht caracteriza o conhecimento como o conjunto de informações, ou representações mentais, que um indivíduo tem acerca do mundo. O autor não distingue, apesar disso, aquelas informações que temos como *dadas*, como fatos ocorridos; e aquelas que projetamos a partir do que já sabemos, isto é, aquelas que *inferimos* serem verdade. A literatura trata de ambas as noções dentro do rótulo de conhecimento. O que propomos é que elas devem ser separadas: há conhecimento *estabelecido* e há conhecimento *inferido*.

Não estamos diante aqui de um mero debate terminológico, propondo uma distinção superficial de dois tipos de pressuposição (de conhecimento propriamente dito, de um lado, e de expectativa, de outro): ao investigar esse fenômeno, somos capazes de observar que seres humanos neurotípicos têm a habilidade de calcular não apenas os conhecimentos que seus pares têm, mas os próprios cálculos inferenciais que eles por sua vez fazem acerca do mundo. Estamos diante de uma capacidade cognitiva singular, e talvez até mais complexa, o que pode justificar uma possível diferença em processamento de sentenças entre sujeitos atípicos e neurotípicos (Portela, 2023), ou mesmo entre crianças e adultos. Cabe a nós investigá-la e propor uma descrição detalhada e técnica para esse fenômeno, viabilizando ampliar o debate acerca do tema.

## A EXPECTATIVA NOS MODELOS EPISTÊMICOS DA GRAMÁTICA COGNITIVA

Uma investigação a partir de enunciados linguísticos em que se utilizam construções gramaticais tais quais a CCB, a construção “(E) não é que X?” e a construção “Pior que X” nos permite observar como, na materialização da língua, os falantes diferenciam o cálculo do conteúdo do conhecimento do ouvinte de expectativas que ele tem acerca do mundo. Como distinguir essas duas categorias do ponto de vista conceptual, isto é, não mais da perspectiva de um falante que as evoca gramaticalmente, mas dos indivíduos que organizam mentalmente as informações com que se deparam? Se propomos que conhecimento e expectativa constituem categorias cognitivas distintas, devemos formular especificamente no que consiste cada uma delas dentro da realidade mental dos seres humanos.

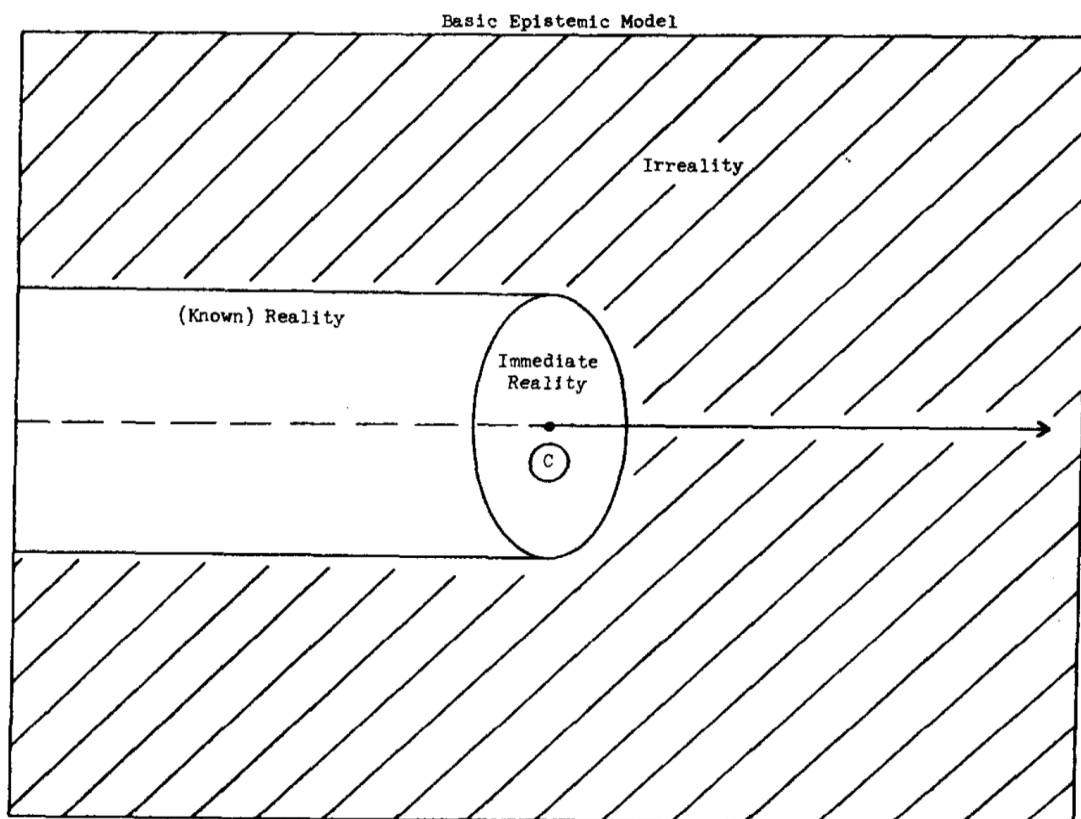
A Gramática Cognitiva é uma vertente da Gramática de Construções que se ocupa de investigar os fenômenos cognitivos em jogo no uso da língua. Em *Foundations of Cognitive Grammar*, Langacker elabora uma sequência de modelos cognitivos idealizados que buscam dar conta de esquematizar a visão que nós, seres humanos, temos da maneira como a realidade se organiza. Trata-se de três modelos epistêmicos (Básico, Elaborado e Dinâmico) que envolvem “noções fundamentais do mundo e do nosso lugar nele” (Langacker, 1991, p. 242). Os três esquemas salientam aspectos diferentes da conceptualização da realidade por indivíduos; mas se relacionam na medida em que se sobrepõem, compondo gradativamente a estrutura cognitiva geral do nosso conhecimento de mundo.

O Modelo Epistêmico Básico, ilustrado na Figura 1 abaixo, busca capturar a noção elementar de que, para um conceptualizador, existem situações que são reais e outras que não são. Aquelas constituem a *realidade* (“reality”), que consiste não em uma instituição estática, mas em uma “entidade em constante evolução, cujo desdobramento contínuo aumenta a complexidade da estrutura já definida por sua história anterior” (Langacker, 1991, p. 242). Isso é capturado pela estrutura cilíndrica que a representa na figura, cuja geometria simboliza uma estrutura que se desenvolve ao longo de um eixo temporal — nessa perspectiva, a *realidade* pode ser entendida como a história dos acontecimentos do mundo. O ponto onde esse eixo culmina é a *realidade imediata* (“immediate reality”),

que é o ponto a partir do qual o conceptualizador C é capaz de conceptualizar o mundo. Todo o espaço externo ao cilindro da *realidade*, marcado pelas linhas diagonais, é a *irrealidade* (“irreality”).

Note-se que a estrutura epistêmica que Langacker propõe é essencialmente cognitiva: o conhecimento é uma visão de mundo, individual (porque é particular de cada conceptualizador) e perceptual (porque é projetado a partir do ponto de vista em que C se posiciona). Observemos que a distinção entre *real* e *irreal* não é a mesma que os significados coloquiais desses termos designam. O *irreal* não é algo, por exemplo, *que não aconteceu*, mas simplesmente aquilo que o conceptualizador *julga* externo à evolução natural e lógica das situações do mundo: “uma situação não pertence à realidade ou à irrealidade com base em como o mundo realmente evoluiu, mas depende, em vez disso, de se o conceptualizador a conhece e a aceita como parte dessa sequência evolutiva” (Langacker, 1991, p. 243). O conhecimento não é então um repositório de saberes; é um enquadramento do mundo específico em que se entende, elementarmente, que certas situações podem se desdobrar a partir de demais situações prévias; e outras, não.

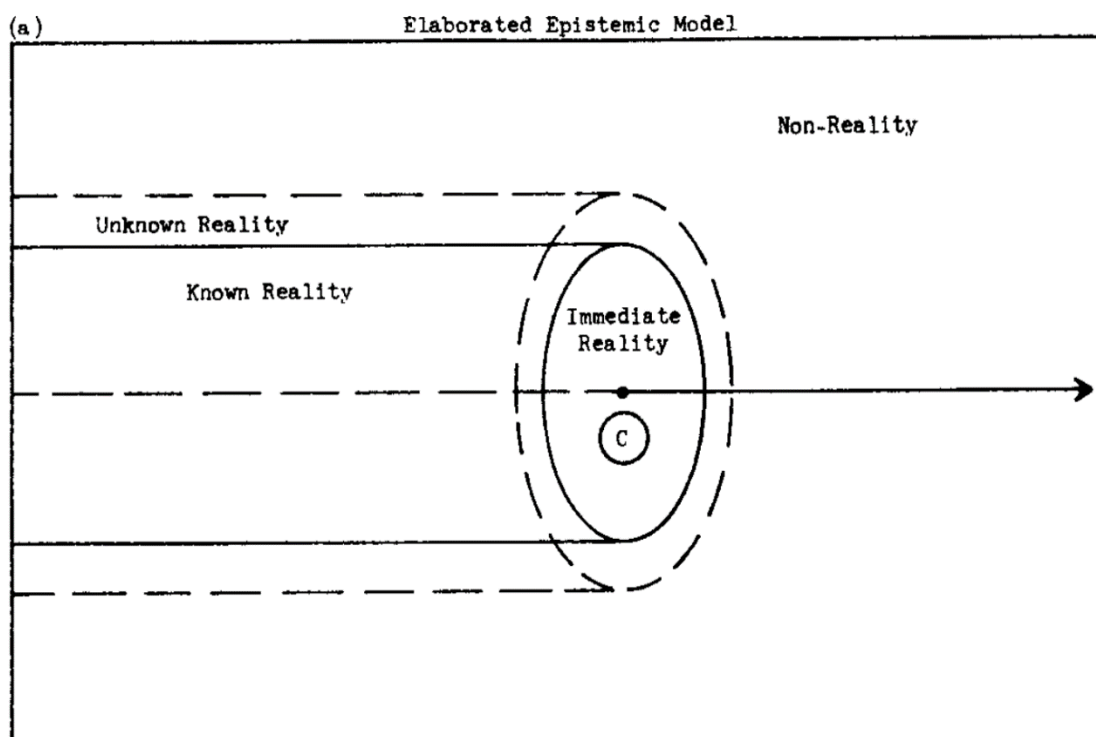
Figura 1 — Modelo Epistêmico Básico



Fonte: Langacker, 1991, p. 242.

A partir desse modelo cognitivo idealizado, é possível elaborar o próximo esquema: o Modelo Epistêmico Elaborado, ilustrado na Figura 2 abaixo, cujo *insight* remete justamente à noção de *conhecimento* como algo que vai além do *saber*. O que esse modelo acrescenta em relação ao anterior é ideia a de que um conceptualizador reconhece que o desdobramento do estado de coisas vai além daquilo que ele efetivamente *sabe*. A *realidade* se divide em duas: *realidade sabida* (“known reality”) e *realidade não sabida* (“unknown reality”), essa última representada pelo tubo externo, delimitado por linhas pontilhadas. Incluídas nesse domínio estão tanto as situações de que C suspeita, mas não toma como estabelecidas; quanto aquelas em relação às quais ele é totalmente ignorante. Ela se distingue da *não-realidade* (“non-reality”) (a porção de situações que um falante não enquadra como desdobramentos de situações anteriores), mas compõe, com ela, aquilo que anteriormente foi referido por *irrealidade*.

Figura 2 — Modelo Epistêmico Elaborado



Fonte: Langacker, 1991, p. 244.

O que se observa nesse modelo é que a *realidade sabida*, isto é, o conjunto de informações do mundo que podemos dizer que o falante de fato *sabe* é apenas uma das três estruturas que compõem o seu conhecimento. Nesse sentido, pode-se dizer que tanto

aquela *realidade* considerada *não sabida* quanto a própria *não realidade* fazem parte da estrutura epistêmica dos indivíduos. De fato, para a Gramática Cognitiva, o *saber* de um sujeito não corresponde ao seu *conhecimento*.

Esses modelos partem da ideia de que concebemos o mundo como “uma estrutura em que as situações emergem e os eventos se desdobram” (Langacker, 1991, p. 276). Mais do que isso, pretendem capturar a noção de que essa estrutura é influenciada por uma dinâmica de força coercitiva, a qual influencia a ocorrência desses eventos de maneira enviesada, favorecendo o acontecimento de certas situações em detrimento de outras. Nessa dinâmica de força, alguns eventos estão propensos a acontecer e outros, não; a não ser que alguma força externa inverta essa tendência. Outras situações, por outro lado, não podem vir a ocorrer de jeito nenhum, devido a sua tamanha incompatibilidade com a maneira como o mundo está estruturado. Esse enviesamento existente no desdobramento dos eventos é representado no diagrama da Figura 3 pela seta pontilhada e é chamado *momentum evolucionário* (“*evolutionary momentum*”): um conceito que diz respeito, portanto, ao reconhecimento do grau de probabilidade de ocorrência de certos eventos, levando a uma previsão de que alguns têm mais chance de compor a realidade futura do que outros.

Dado um determinado ponto no eixo temporal, portanto, a partir do *momentum evolucionário*, calculamos que certas situações não podem acontecer, outras podem acontecer e, dentre essas, algumas têm uma tendência maior de acontecer do que outras. Posicionado um conceptualizador em ponto do eixo temporal correspondente ao presente, ele é capaz de fazer uma projeção dos acontecimentos futuros, categorizando-os em impossíveis, possíveis e, dentre os possíveis, em prováveis e improváveis<sup>2</sup>. Essa divisão é a essência do Modelo Epistêmico Dinâmico. As situações entendidas como possíveis compõem a *realidade potencial*, fora de cujo escopo estão as entendidas como impossíveis. Dentro da *realidade potencial*, representada abaixo pelo espaço interno às linhas diagonais, um conceptualizador C é capaz de calcular, com certa confiança, a partir

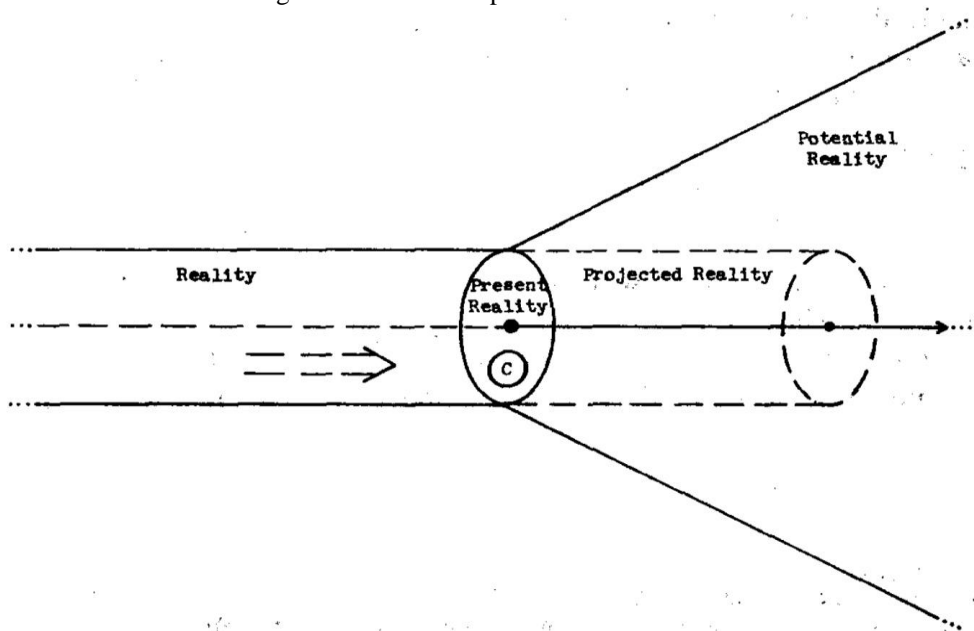
---

<sup>2</sup> Langacker (1991) não menciona o conceito de *probabilidade*. Aqui, usamos os adjetivos “prováveis” e “improváveis” para designar, exatamente, aquelas situações que acompanham o *momentum evolucionário* e aquelas que distoam dele. As ideias de probabilidade e de *realidade projetada* podem não ser exatamente compatíveis: mesmo dentro da *realidade projetada* e da *realidade potencial*, talvez possa haver situações mais e menos prováveis. No entanto, fazemos aqui uma simplificação, assumindo que aquilo que é improvável é o que não é projetado baseado nos fatos anteriores. Nesse sentido, é interessante, inclusive, entender a noção de improvável como relativa àquilo que é externo à *realidade projetada*; e a noção de impossível como relativa àquilo que é externo à *realidade potencial*. Trata-se de uma interpretação nossa.



do *momentum evolucionário*, as situações que tendem a ocorrer: essas compõem a *realidade projetada*, ilustrada pelo tubo pontilhado.

Figura 3 — Modelo Epistêmico Dinâmico



Fonte: Langacker, 1991, p. 277.

A essência da distinção entre *realidade* e *realidade projetada* está no cerne da nossa discussão neste artigo. Reside no contraste entre essas duas porções do conhecimento subjetivo a diferença entre *saber* e *projetar*; entre *conhecimento* propriamente dito e *expectativa*. De um lado, temos as informações sobre fatos já ocorridas no tempo pretérito às quais o indivíduo tem acesso, ou seja, aquelas que ele testemunhou; de outro, temos aquelas informações que o sujeito, baseado na sua experiência, calcula serem parte do tempo futuro. Ambas compõem o modelo cognitivo idealizado que dá conta de capturar a conceptualização do mundo, podendo ser consideradas componentes do conhecimento do indivíduo. Ele, no entanto, subdivide-se em *estabelecido*, ou *sabido*; e *projetado*, ou *inferido*.

Entender a expectativa como correspondente ao *conhecimento projetado* nos permite utilizar os *insights* dos Modelos Epistêmicos para compreendê-la e, com isso, compreender também a evocação gramatical do seu cálculo. Apesar de no Modelo Epistêmico Dinâmico o eixo temporal ser relevante para a estrutura<sup>3</sup>, representando os

<sup>3</sup> Não apenas para a estrutura do modelo em si, mas também porque Langacker os utiliza para descrever os auxiliares modais do inglês, que carregam informação temporal.

tempos passado, presente e futuro, podemos abstrair essa particularidade: estamos diante de um fenômeno cognitivo em que o sujeito se baseia na relação entre os fatos ocorridos *aos quais ele tem acesso* para calcular as informações relativas à porção do mundo *aos quais ele não tem acesso* (por isso, a necessidade de calculá-la). Explicitamente, isso consiste, em *Foundations of Cognitive Grammar*, no futuro (Langacker, 1991, p. 278), mas pode certamente abarcar também aquela porção referida anteriormente como *realidade não sabida* no Modelo Epistêmico Elaborado — o que invariavelmente corresponde aos tempos pretérito e presente. Ora, observemos o conjunto de enunciados abaixo:

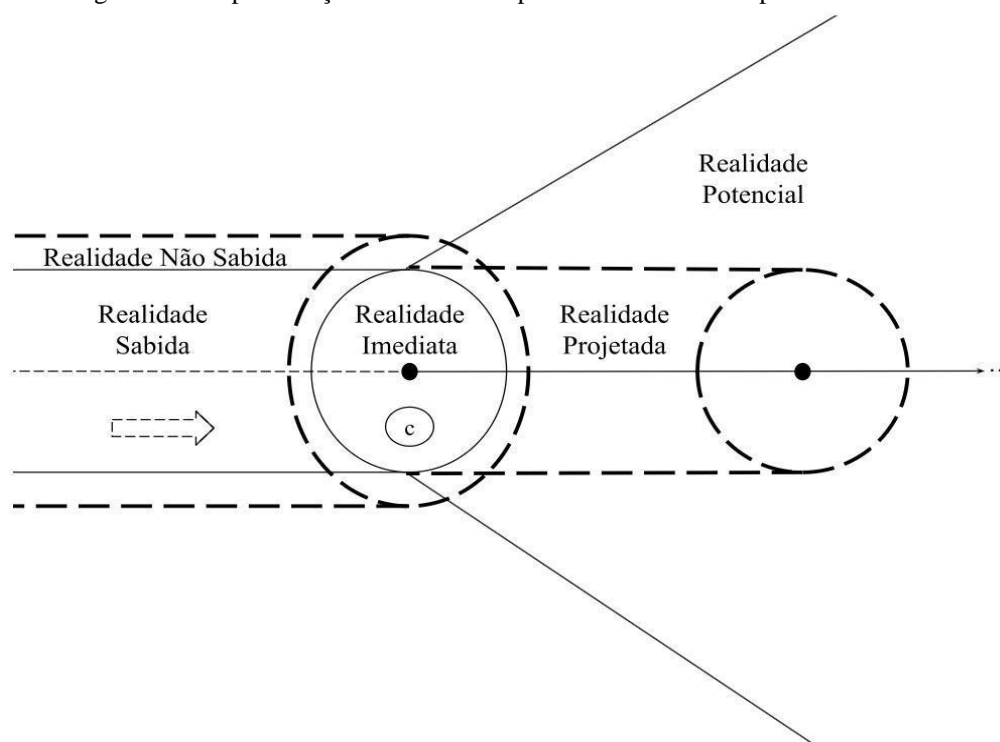
- (21) a. O João bem competiu no torneio.
- b. O João bem está competindo no torneio.
- c. O João bem vai competir no torneio.
- (22) a. Pior que o João competiu no torneio.
- b. Pior que o João está competindo no torneio.
- c. Pior que o João vai competir no torneio.
- (23) a. Não é que o João competiu no torneio?
- b. Não é que o João está competindo no torneio?
- c. Não é que o João vai competir no torneio?

De (21) a (23), tanto (a) quanto (b) salientam a contraexpectativa existente no fato de que João competiu no torneio, ou seja: a expectativa era a de que ele não competisse. Observe-se que se pode estabelecer essa expectativa antes ou depois de o evento ter acontecido. Por um lado, no tempo presente, um sujeito pode ter, na sua realidade projetada, a informação de que João não competirá no torneio. Por outro, um indivíduo pode “suspeitar ou contemplar” a informação de que João, no passado, não teria competido, mas não exatamente “aceitá-la totalmente como estabelecida” (Langacker, 1991, p. 243). Isso coloca essa informação, por sua vez, no âmbito da *realidade não sabida*.

Logo, para dar conta de explicar o cálculo por trás da expectativa, devemos abstrair a pertinência do eixo temporal para o conceito de projeção segundo o Modelo Epistêmico Dinâmico e dar mais importância à questão da evidencialidade. Para nós, a

relevância do fato de que os sujeitos fazem projeção de realidade tem a ver com a habilidade de fazer um cálculo sobre uma realidade à qual não se tem acesso (seja no futuro, no passado ou no presente), levando em consideração os dados da porção à qual se tem acesso. Para explorar o *locus* do *conhecimento projetado* devemos, pois, fundir os Modelos Epistêmicos Elaborado e o Dinâmico, representando-o como correspondente às porções denominadas *realidade projetada* e *realidade não sabida*. Estimar que uma determinada informação reside nesse *locus* equivale a ter uma expectativa.

Figura 4 — Representação do *locus* da expectativa no Modelo Epistêmico Fundido



Fonte: elaboração própria

No esquema acima, representamos a fusão entre Modelos Epistêmicos Elaborado e Dinâmico, referindo-nos a esse novo esquema como Modelo Epistêmico Fundido. Nele há o contraste entre *realidade sabida* e *realidade não sabida*; e também entre *realidade potencial* e *projetada*. A parte destacada corresponde à porção do modelo onde pode ser representadas as expectativas que criamos: podemos fazer inferências sobre fatos que ocorreram ou estão ocorrendo na *realidade não sabida* e podemos também fazer inferências sobre eventos futuros, de maneira a posicioná-los na *realidade projetada*.

Isso, por sua vez, não subverte indevidamente o conceito de projeção utilizado no Modelo Epistêmico Dinâmico, uma vez que não retira dele a sua relação com o *momentum evolucionário*. Para Langacker, a ideia é a de que o que projetamos para o futuro é baseado na tendência estabelecida a partir da relação entre os eventos. Ora, ao fazermos projeções sobre o passado e o presente, construindo a porção da *realidade não sabida*, também o fazemos tomando como base essa tendência, conforme já foi explicitado na descrição do Modelo Epistêmico Elaborado. Afinal, se uma informação não acompanha o curso esperado dos eventos, ela fará parte da *não realidade*; se ela acompanha, ela faz parte da *realidade não sabida*, representada justamente por um tubo que, visualmente, *acompanha* o desdobramento das situações. O que estamos propondo aqui é que, apesar de Langacker não ter explicitado essa relação, a essência por trás da projeção da *realidade projetada* é a mesma que a composição da *realidade não sabida*: trata-se, em ambos os casos, de um cálculo feito a partir dos dados do *momentum evolucionário*. Abarcamos as duas porções dentro da categoria do lugar da expectativa.

## **EXPECTATIVA E CONTRAEXPECTATIVA: A RELAÇÃO ENTRE PRAGMÁTICA E COGNIÇÃO**

Tendo em vista como propomos que o fenômeno da criação de expectativas pode ser representado na cognição humana, retornemos à questão da evocação do seu cálculo na gramática. Podemos agora nos referir ao contraste entre dois tipos de pressuposição da seguinte forma: aquele tipo de pressuposição dito “de conhecimento” consiste, na verdade, na evocação de um evento presente na *realidade sabida* do ouvinte. Já aquele tipo de pressuposição que chamamos “de expectativa” consiste na evocação de uma situação situada fora da *realidade sabida*, seja na *realidade não sabida*, no passado ou no presente, seja na *realidade projetada*. Adotando a perspectiva da Gramática Cognitiva, em que o conhecimento é entendido não como um repositório de saberes, mas como uma estrutura complexa relativa a um enquadramento do mundo, propomos aqui uma classificação que reconhece que os dois tipos de pressuposição são, nesse sentido, de conhecimento. Por um lado, temos a pressuposição de conhecimento *estabelecido* ou *sabido*; por outro, temos uma pressuposição de conhecimento *projetado* ou *inferido*.

No caso de construções como aquelas examinadas aqui, que transmitem *contraexpectativa*, o que os falantes fazem é evocar, do ponto de vista cognitivo do ouvinte, o Modelo Epistêmico Fundido, assumindo que houve a projeção de um determinado evento no *locus* da expectativa, ou seja, na *realidade não sabida* e na *realidade projetada*. Por exemplo, em (20), o que um falante F faz é, por meio das construções “Pior que X”, “(E) Não é que X?” e CCB, evocar o cálculo de que o evento [João não competir no torneio] foi projetado pelo ouvinte O, a partir da tendência do seu *momentum evolucionário*, na *realidade não sabida*, no caso de (a) e (b); e na *realidade projetada*, em (c). No caso desses enunciados, essa informação é evocada via pressuposição de conhecimento projetado, conforme defendemos; ao passo que as construções transmitem, via asserção, a informação contrária: João participou, sim, do torneio. O contraste entre a expectativa evocada pressuposicionalmente e a asserção é o que causa o efeito pragmático de *contraexpectativa* nas sentenças.

O estudo realizado aqui pode levar a hipótese de que a expectativa que um sujeito cria, baseado no seu *momentum evolucionário*, parece ser algo cognitivamente muito mais complexo do que evocar o que ele sabe. Por um lado, calcular o conhecimento propriamente dito de um indivíduo significa estimar a existência de um dado evento existente na sua *realidade sabida*. Por outro, a análise feita a partir dos Modelos Epistêmicos sugere que calcular a expectativa vai além de avaliar a mera existência de uma situação pontual no repertório de saberes do ouvinte. Na verdade, o falante deve evocar toda uma estrutura de desdobramento de eventos: diferentes situações, a relação entre elas e como elas se influenciam para estabelecer uma tendência. Ora: um único fato não pode sugerir um enviesamento da realidade. Avaliamos que é necessário entender como o indivíduo faz paralelos entre ele e os demais para que possa fazer inferências. Não à toa nos referimos a modelos que representam estruturas cognitivas complexas. Para além disso, um falante deve evocar não apenas esse arranjo de eventos, mas ainda qual inferência específica emerge dele.

Se há realmente uma diferença cognitiva entre a pressuposição de conhecimento estabelecido e a pressuposição de conhecimento projetado, seria interessante avaliar o desempenho, em sentenças com construções que evoquem expectativa ou *contraexpectativa*, de crianças e autistas, conforme proposto em Portela (2023), já que há, nesses casos, uma diferença no processamento de fenômenos intersubjetivos como o

explorado aqui. Espera-se que esses grupos tenham um desempenho significativamente mais baixo ao interpretarem sentenças com construções que evoquem pressuposição de conhecimento, como verbos de mudança de estado; e construções que evoquem pressuposição de expectativa, como a CCB, a construção “Pior que X” e a construção “(E) Não é que X?”. Uma diferença significativa nos resultados desse teste favorece a nossa hipótese, na medida em que revela uma distinção cognitiva entre os dois fenômenos.

## CONCLUSÕES E ALGUMAS PROJEÇÕES

A partir de construções gramaticais do PB que evocam a ideia de contraexpectativa, investigamos aqui a marcação gramatical do cálculo de expectativa pelos sujeitos. Primeiramente inserimos a nossa discussão na tipologia das pressuposições de Lambrecht, demonstrando que ela não dá conta de capturar apropriadamente as particularidades do funcionamento pragmático de certas construções. O que se observa é que é necessária a existência de um tipo de pressuposição relacionado à evocação do cálculo de expectativa, que distinga da pressuposição de conhecimento. Assim propomos que as pressuposições se subdividam em pressuposição de topicalidade, de consciência, de conhecimento estabelecido/sabido e de conhecimento projetado/inferido. Essa proposta surge da identificação de que conhecimento e expectativa são fenômenos, parcialmente, relacionados e parcialmente distintos. Uma exploração dentro do domínio da Gramática Cognitiva nos permitiu observar isso mais de perto. O conhecimento pode ser entendido como uma conceptualização do mundo, representada por Langacker por três diferentes Modelos Epistêmicos. A partir da fusão do Modelo Epistêmico Elaborado e do Modelo Epistêmico Dinâmico, observamos que um sujeito pode, a partir da sua experiência factual, projetar a existência de informações na *realidade não sabida* e na *realidade projetada*. Nisso consiste a criação de expectativas. Na gramática, tendo consciência de que indivíduos passam por esse processo mental, os falantes evocam essa projeção via pressuposição, por exemplo, por meio de construções de contraexpectativa como as observadas.

A partir da nossa proposta, diversas portas se abrem no que se refere ao tema da evocação gramatical do cálculo de expectativa. Para além de uma comprovação empírica,

como foi discutido na seção anterior, este trabalho deve ser complementado com uma aplicação sistemática no uso. Ilustramos a evocação gramatical do cálculo da expectativa a partir de dados inventados com apenas três construções do português. A partir da análise alinhada aqui, é possível agora ainda investigar, pelo menos, essas mesmas construções de maneira sistemática, coletando dados que demonstrem que evocam de fato, via pressuposição, a noção de contraexpectativa, procurando avaliar a aplicação prática da nossa proposta conforme elaborada neste artigo. Em se tratando de um fenômeno cognitivo geral, é possível também observar outras construções do PB, como também de outras línguas. A literatura apresenta alguns trabalhos sobre padrões gramaticais, por exemplo, do japonês (Sawada, 2022), do tailandês (Tawilapakul, 2013) e do mandarim (Chang, 2015), de modo que incorporá-los à descrição feita aqui é valioso. Seria interessante também investigar a noção de miratividade, conceito alinhado ao de contraexpectativa, avaliando se ele tem algo a oferecer a esta análise.

## REFERÊNCIAS

ASTINGTON, Janet Wilde; BAIRD, Jodie A. *Why language matters for theory of mind*. New York: Orford University Press, 2005.

CHANG, Miao-Hsia. *Two counter-expectation markers in Chinese. Metaphor and Metonymy Across Time and Cultures: Perspectives on the Sociohistorical Linguistics of Figurative Language*. Berlin/Munich/Boston Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2015.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. New York: Oxford University Press, 2006.

LAMBRECHT, K. *Informational structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents*. Cambridge: University Press, 1994.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: Volume II: Descriptive application*. Stanford: Stanford University Press. 1991.

PORTELA, B. “*Eu bem queria virar jacaré*”: Um estudo experimental da Construção de Contraexpectativa com Bem. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 39. 2021.

PORTELA, B. *Investigando a compreensão de enunciados pressuposicionais por indivíduos com autismo: uma abordagem funcional-cognitiva*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 142. 2023.

SAWADA, Osamu. “On the properties of expressivity and counter-expectation in the Japanese minimizer NPI kakera ‘piece’”. *Proceedings of the Linguistic Society of America*, v. 7, n. 1, p. 5259, 2022.

SOUSA, Clara. *Estrutura informacional e polidez em Gramática de Construções: um estudo da Construção Bem Que S*. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 150. 2023.

TANTUCCI, Vittorio. *Language and social minds: The Semantics and Pragmatics of Intersubjectivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

TAWILAPAKUL, Upsorn. *Counter-expectation in Thai*. Tese de Doutorado. University of York. York, p. 200. 2013.

TOMASELLO, Michael. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Londres: Harvard University Press, 1999.

VERHAGEN, Arie. *Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax and Cognition*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

Recebido em: 31/10/2023

Aceito em: 10/01/2024

**Clara Sousa:** Mestre em Linguística pela UFRJ. Aluna de doutorado no Programa de Pós Graduação em Linguística da UFRJ.

**Diogo Pinheiro:** Doutor em Linguística pela UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ.